

A TRAJETÓRIA DA SOLIDÃO: UMA LEITURA CRÍTICA DA POESIA DE CAMILO SOARES

Luiz Gonzaga da Silva
Mestre em Letras pelo CES/JF

Desejo, inicialmente, agradecer à ABRALIC e à Coordenação Executiva do VIII CONGRESSO DA ABRALIC, a gentileza do convite de participar desta mesa-redonda, ao lado de colegas tão gabaritados, bem como deste congresso, oportunidade única de os professores e estudantes de Letras poderem ampliar seu universo de conhecimento específico na área da literatura.

Minha participação neste evento – uma mesa-redonda sobre Minas, tradição e vanguarda – se efetivará em função do enfoque que pretendo dar a um dos nomes mais importantes do Grupo Verde – Camilo Soares – cuja atuação destaco em minha dissertação de mestrado, apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e julgada com o conceito “excelente” pela Banca Examinadora.

Começo por dizer que a Semana de Arte Moderna, hoje analisada com menos paixão e mais equilíbrio, se constituiu como um divisor de águas entre a tradição conservadora que vinha do parnasianismo do século XIX, a persistir quase que incólume no início do século XX e a irreversível necessidade de mudança expressional de um mundo e de um país que já não mais encontravam ressonância na literatura oficial para darem conta de suas ânsias e necessidades. E ela aconteceu entre escândalos e confusões, polêmicas e debates, nas três tumultuadas sessões de 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922.

Mas isso não foi o mais importante. A Semana apenas deflagrou uma série de outros pequenos acontecimentos que – eles, sim! – fizeram a história dela. O crítico Wilson Martins comenta isso ligeiramente na sua *História da inteligência brasileira*, a propósito do que Sérgio Milliet já observara: Martins acentua, no Modernismo brasileiro, uma característica singular: o seu *caráter ganglionar*. A expressão pode não ser muito agradável às sensibilidades mais finas, mas é absolutamente objetiva para nosso propósito.

Na verdade, a Semana foi apenas o estopim de um longo, irreversível e enriquecedor processo que se observou na nossa combalida vida literária daqueles famosos, inesquecíveis e loucos anos 20.

O *caráter ganglionar* a que se refere Wilson Martins é, na verdade, o pipocar de grupos e revistas pós-Semana de Arte Moderna, uma espécie de “modernismo em marcha”. É o *marciare non marcire*, marchar para não apodrecer – lema que Sonia Brayner atribui à ação vanguardista de Marinetti, o papa do Futurismo, na Itália.

Não posso me deter – pela premência do tempo – na consideração detalhada desses grupos e revistas. Enfocarei apenas um deles: o Grupo Verde, surgido numa pequena cidade do interior da Zona da Mata, próxima a Muriaé e um de seus mais expressivos participantes, signatário do Manifesto Verde que chocou sobremaneira o *statu quo* conservador e pacato da burguesia mineira daquela região, de 1927 a 1929.

Na verdade, existem catalogadas cerca de 25 revistas de grupos pós-SAM, que representam a inquietação natural da geração dos anos vinte, que reparava e cozinhava em “banho-maria”, todas as receitas estapafúrdias do primeiro momento modernista, até 1930, quando apareceria *Alguma poesia*, de Drummond, a comprovar que o equilíbrio começara a se firmar e já era hora de pensar mais calmamente no que se conseguira até então.

O Grupo Verde, a que pertenceu Camilo Soares, pretendia exatamente o que todos os outros congêneres também pretendiam – a oxigenação da cultura literária de uma geração que parecia presa aos tentáculos dos quatorze versos do soneto parnasiano.

O ruidoso grupo fez época: correspondeu-se com a pura nata do modernismo paulistano, com mais alguns revolucionários cariocas e outros discretos e cautelosos modernistas mineiros, em especial, Drummond. A situação geográfica da Zona da Mata mineira, em posição privilegiada no eixo Rio-São Paulo, oportunizou-lhe a fama de que desfrutava na história do modernismo brasileiro, apesar de sua importância ser minimizada por Wilson Martins. Influência mineira, pouca. Apenas, e quase só, a do poeta de Itabira, no início de sua carreira literária e mais alguns e poucos nomes de *A Revista*, órgão porta-voz do grupo de Belo Horizonte. Alguns parágrafos do Manifesto Verde comentam isso:

O lugar que é hoje bem nosso no Brasil intelectual foi conquistado tão-somente ao dionisíaco empreendimento do forte grupo de Belo Horizonte, tendo à frente o entusiasmo moço de Carlos Drummond, Martins de Almeida e Emílio Moura, com a fundação de A REVISTA que, embora não tendo vida longa, marcou época na história da inovação moderna em Minas.

Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Belo Horizonte, **não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e a vida literária deles** (grifo nosso).

Dentro desse polêmico grupo, surge a figura marcante de Camilo Soares, então, com cerca de 17 anos e no arroubo quase juvenil de incorporar e pôr em prática as novas tendências lítero-culturais que sopravam de São Paulo.

Camilo Soares foi quem levou para aquela pequena e acanhada cidade da Zona da Mata as idéias modernistas, foi quem, segundo um seu companheiro de grupo, Guilhermino César, propôs o nome *VERDE* para o grupo, foi quem deflagrou nos companheiros e colegas estudantes a empreitada de renovação estética. De forma paradoxal, isso era discutido no então Grêmio Literário “Machado de Assis”, no colégio onde Camilo e seus amigos estudavam. Paradoxal, porque, se Machado é um clássico da língua e da cultura literária brasileira é, ao mesmo tempo, uma espécie de “antena da modernidade”, modernidade esta que ele já antevira em sua produção literária e que se efetivaria em 1922, 14 anos depois de sua morte.

Camilo Soares, cujo nome completo é *Camilo Soares de Figueiredo Júnior*, nasceu em 13 de agosto de 1909, no distrito de Coelho Bastos, município de Eugenópolis, na Zona da Mata e faleceu em São Paulo a 17 de janeiro de 1982.

Participou da Revista *VERDE*, em três de seus seis números, e deixou extensa obra inédita. Publicou somente uma coletânea de 49 poemas: *O soldado Nicolau*, em 1970.

Pude catalogar, na extensa pesquisa a que me dispus para elaboração da dissertação de mestrado, 15 obras inéditas, entre poesia e prosa. No âmbito desta última, há um extenso veio a ser garimpado, ainda, sob a forma de romance e contos, de excelente qualidade artística.

Todo esse material se encontra sob minha custódia, por gentileza da família de Camilo Soares. Estou a catalogá-lo definitivamente, pois todo o seu acervo, incluindo cartas de Drummond para Camilo, será doado para o Arquivo-Museu de Literatura, da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Sua escritura poética é de altíssima qualidade e foi ela que enfoquei em meu trabalho acadêmico para obtenção do título de Mestre em Letras junto ao CES/JF.

Sua evolução poética se dá de maneira ortodoxa, como todas as outras de figuras marcantes da literatura nacional. Titubeante, a princípio, com uma fase transitória, após, e um mergulho definitivo no estilo que o marcará indelével e literariamente.

Ative-me a uma de suas obras - *As viagens* – englobando 84 poemas, numerados com algarismos romanos, 17 dos quais com subtítulos diferentes e 11 com um subtítulo comum – *noturno*.

Estes últimos constituíram o fundamento de meu estudo sobre a obra de Camilo Soares, por conterem, exatamente sua marca inconfundível de *imago mundi*: uma visão dolorida, pessimista, quase conformada, eu diria, contemplativa, da realidade que o cercava e que ele transpôs, amarguradamente, para seus pungentes versos.

Creio que a Camilo Soares se pode chamar o “poeta da angústia”, ou melhor ainda, o “poeta da solidão”.

À sua fase solar dos anos 20 vai-se seguir uma outra – a fase noturna de sua maturidade literária, quando os poemas ganham em densidade, beleza plástica e um profundo e melancólico sentimento de solidão.

À primeira fase pertencem estes três poemas que se seguem, inéditos, coloridos e plásticos exemplares de sua juvenildade literária, dois deles com um título comum – *Cromo* – e mais um terceiro, intitulado *Noturno brasileiro*, em cuja estrutura de carpintaria poética ressaltam detalhes altamente “solares”, característicos da primeira fase da poesia de Camilo.

São poemas de pura sinestesia artística, em que o substrato sensorial chega quase a se constituir na própria essência do poético, a partir da sutilíssima capacidade de criação artística a que se dedicou Camilo Soares, no início de sua carreira como poeta.

Sinta-se este processo na leitura que faremos, a seguir, destas três produções camilianas:

CROMO

A trepadeira trepou no trapo
da paisagem cinzenta.

E as flores floriram
um lençol azul de perfume.

E o perfume da tarde
perfumou docemente
a minha tristeza morena.

CROMO

O canavial anarquista
está brigando com o vento.
No camarote duma peroba vermelha
uma família de melros
está apreciando a briga do vento.

E o milharal amarelo
vai aderir ao movimento.

NOTURNO BRASILEIRO

A jabutirica malhada
pôs dentro da noite estrelada
a melancolia violenta de um uivo sem fim.

A capivara morena
ficou com medo da jabutirica
e furou o vidro verde da vitrinha
do remanso cheio de limo.

Um gambá vagabundo
deu uma risada safada
e cobriu o uivo da onça
com o cheiro crioulo do seu corpo.

Um ouriço velhaco
fantasiado de mexerica madura
veio rolando
veio cantando

veio chiando
na avenida larga
do morro coberto de capim.

E uma coruja beata
soluçou um padre-nosso.

Essa cromática *sun island* de 1927 conhecerá o seu limite, quando Camilo Soares, em 1934, compõe *Poema crepuscular*, que funciona como uma espécie de ponte entre as duas ilhas de seu arquipélago poético: de um lado, a *sun island* a que já nos referimos, e, de outro, a ilha cinzenta e solitária em que ele, definitivamente, vai fixar residência poética:

POEMA CREPUSCULAR

A calma das últimas estações
cai na recepção fasta
para o amolecimento
das últimas vontades.

As razões absolutas bóiam
Nas incertezas do cansaço natural.

As chuvas caem.
As noites são mortas.
Os dias virão compassadamente
para encherem o cenário.

E as sombras se movem
na terra indiferente.

Esse poema abrirá o panorama onde se desdobrará a fatura poética de Camilo Soares, tecendo, com melancolia e solidão, a vestimenta artística de sua intuição poética.

Esse tecido poético, que deixa perceber tanto o ritmo musical verlainiano quanto o *frisson nouveau* baudelairiano, se estruturará a partir de um *ritmo confessional*, que o próprio poeta, freqüentador assíduo de Chopin, como pude confirmar em minhas pesquisas junto a familiares que dele privaram a convivência, transporta para a poesia o fascinante mundo dos **noturnos** de Chopin, sugerindo imagens contemplativas de grande força estética.

Pude, em minha disse rtação, mais demoradamente, observar este detalhe e estudar a estrutura imagética de quatro recorrências emblemáticas, sistematicamente usadas pelo poeta, e que funcionam como uma espécie de sustentáculo de sua **imago mundi**: a Noite, a Barca, o Rio e a Viagem, seja por citação direta, seja reduplicadas por meios de expressões indiretas e/ou correlatas. O exemplo a seguir é sintomático:

NOTURNO N. 1 (Poema n. XII, AV)

Pai, sei que densa é a noite
e lianas se retorcem sem reflexo
em meus nervos maduros
e sei que resta pouco para ver.

Verei, meu Pai, o dia, o outro dia,
a outra noite, as mil noites
que sonhei um dia
pobre menino solitário
debruçado sobre o rio
querendo adivinhar o seu sentido.

Pai, corre o rio, já não corro,
tímido espio o vão sentido

dessas águas que não param
e que, o certo, me verão parar.

Pai, permiti, então,
Um gesto inacabado de estupefação.

Observa-se, nitidamente, subliminar, o processo angustiado de uma sensibilidade poética ávida de soluções para indagações existenciais, para as quais, infelizmente, nem sempre tem retorno, o que faz o poeta mergulhar numa pungente melancolia, em que a solidão é a “pedra-de-toque” de uma visão de mundo amargurada e vazia de estímulos que o levem a prosseguir na busca daquelas respostas.

A verdade é que a poesia de Camilo Soares demonstra um insistente empenho em reordenar o mundo, com o fito de descobrir uma unidade cósmica e ôntica, tentando o poeta a apreensão de sua verdade profunda, para dar contorno às relações *eu-outro* ou *eu-mundo* nas diferentes esferas do viver.

Camilo Soares parece ter realizado plenamente este desiderato, na sua angustiada visão e leitura poética de um mundo solitário e pleno de silêncio às suas inquições existenciais.

E por aqui ficamos em nossas considerações sobre a figura poética de Camilo Soares, prócer do Movimento Verde, signatário do Manifesto desse movimento. E, para encerrar esta minha abordagem, destaco um poema escrito em 01 de setembro de 1929, na Fazenda Monte Santo, em Coelho Bastos, onde nasceu, absolutamente inédito e que, de certa maneira, nos mostra que apesar de todo o sofrimento por que passou, o “poeta da solidão” ainda deixa-se marcar por sua fase solar num de seus momentos mais angustiantes, em 1929: o trágico suicídio de seu pai e a morte de um de seus mais diletos amigos e companheiro da *Verde*, Ascânio Lopes – o poema AMOR:

AMOR

Quando a primavera empoar de flores
a cabeleira verde das mangueiras

e o negro da serra descer
para tosquiar a lã das ovelhinhas mansas
minha alma se encherá de flores
e minha vida fará uma ressurreição
e meus lábios se vestirão de alegria
no riso claro da minha mocidade.

E verei mais um amor de minha vida
e serei alegre com a ilusão de que sou feliz
esquecerei os dias tristes que passaram
e olharei a vida pelo prisma verde da esperança.

E minha alma de menino velho
se cobrirá de flores como uma roseira
e cantarei o hino claro do verde amor
como se o meu amor existisse
e fosse a alegria maior da minha vida.